



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



## Martins Pena

*O Judas em Sábado de Aleluia*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *O Judas em Sábado de Aleluia*

## Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1846.

Livro Digital nº 848 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Luís Carlos Martins Pena**

**(1815 - 1848)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA

## COMÉDIA EM UM ATO



### PERSONAGENS:

JOSÉ PIMENTA (cabo-de-esquadra da Guarda Nacional e pai de...)

CHIQUINHA

MARICOTA

LULU (10 anos)

FAUSTIN (empregado público)

AMBRÓSI (capitão da Guarda Nacional)

ANTÔNIO DOMINGOS (velho, negociante)

Meninos e moleques.

*A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1844.*

### ATO ÚNICO

*Sala em casa de José Pimenta. Porta no fundo, à direita, e à esquerda uma janela; além da porta da direita uma cômoda de jacarandá, sobre a qual estará uma manga de vidro e dois castiçais de casquinha. Cadeiras e mesa. Ao levantar do pano, a cena estará distribuída da seguinte maneira: Chiquinha sentada junto à mesa, cosendo; Maricota à janela; e no fundo da sala, à direita da porta, um grupo de quatro meninos e dois moleques acabam de aprontar um judas, o qual estará apoiado à parede. Serão os seus trajas casaca de corte, de veludo, colete idem, botas de montar, chapéu armado com penacho escarlate (tudo muito usado), longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas e fazem grande algazarra.*

### CENA I

*Chiquinha, Maricota e meninos.*

CHIQUINHA

Meninos, não façam tanta bulha...

LULU (*saindo do grupo*)

Mana, veja o judas como está bonito! Logo quando aparecer a Aleluia, havemos de puxá-lo para a rua.

CHIQUINHA

Está bom; vão para dentro e logo venham.

LULU (*para os meninos e moleques*)

Vamos pra dentro; logo viremos, quando aparecer a Aleluia.

(*Vão todos para dentro em confusão*)

CHIQUINHA (*para Maricota*)

Maricota, ainda te não cansou essa janela?

MARICOTA (*voltando a cabeça*)

Não é de tua conta.

CHIQUINHA

Bem o sei. Mas, olha, o meu vestido está quase pronto; e o teu, não sei quando estará.

MARICOTA

Hei de aprontá-lo quando quiser e muito bem me parecer. Basta de seca – cose, e deixa-me.

CHIQUINHA

Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua, como a pessoa que a cumprimenta depois a fazer acenos com o lenço*) Lá está ela no seu fadário! Que viva esta minha irmã só para namorar! É forte mania! A todos faz festa, a todos namora...

MARICOTA (*retirando-se da janela*)

O que tu estás a dizer, Chiquinha?

CHIQUINHA

Eu? Nada.

MARICOTA

Sim! Agarra-te bem à costura; vive sempre como vives, que hás de morrer solteira.

CHIQUINHA

Paciência.

MARICOTA

Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada à cadeira que acharemos noivo.

CHIQUINHA

Tu já o achaste pregada à janela?

MARICOTA

Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua, só para me verem?

CHIQUINHA

Não.

MARICOTA

O primeiro que vi, quando cheguei à janela, parado no canto, foi aquele tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

CHIQUINHA

Casa-te com ele.

MARICOTA

E por que não, se ele quiser? Os oficiais dos Permanentes têm bom soldo. Podes te rir.

CHIQUINHA

E depois do tenente, quem mais passou?

MARICOTA

O cavalo rabão.

CHIQUINHA

Ah!

MARICOTA

Já te não mostrei aquele moço que anda sempre muito à moda, montado em um cavalo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho e esporeia o cavalo?

CHIQUINHA

Sei quem é – isto é, conheço-o de vista. Quem é ele?

MARICOTA

Sei tanto como tu.

CHIQUINHA

E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA

Oh, que tola! Pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora?

CHIQUINHA

Penso que sim.

MARICOTA

Estás muito atrasada. Queres ver a carta que ele me mandou esta manhã pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha*) Ouve: (*lendo*) “Minha adorada e crepitante estrela!” (*Deixando de ler*) Hein? Então?...

CHIQUINHA

Continua.

MARICOTA (*continuando a ler*)

“Os astros que brilham nas chamejantes esferas de teus sedutores olhos ofuscaram em tão subido ponto o meu discernimento, que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros sofrimentos serei ditoso, e se não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as feras desumanas da Hircânia, do Japão e dos sertões de Minas – feras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. –



O mesmo". (*Acabando de ler*) Então, tem que dizer a isto? Que estilo! Que paixão!...

CHIQUINHA (*rindo-se*)

É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as feras da Hircânia, com os tatus e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrório?

MARICOTA

E por que não? Têm-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio*)

CHIQUINHA

Do mesmo?

MARICOTA

Não, é daquele mocinho que está estudando latim no Seminário de São José.

CHIQUINHA

Namoras também a um estudante de latim?! O que esperas deste menino?

MARICOTA

O que espero? Não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino pode ir para São Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

CHIQUINHA

Que cálculo! É pena teres de esperar tanto tempo...

MARICOTA

Os anos passam depressa, quando se namora. Ouve: (*lendo*) "Vi teu mimoso semblante e fiquei enleado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição." (*Deixando de ler*) Isto é de criança. (*Continua a ler*) "Bem diz o poeta latino: Mundus a Domino constitutus est". (*Lê estas palavras com dificuldade e diz*) Isto eu não entendo; há de ser algum elogio... (*Continua a ler*) "... constitutus est. Se Deus o criou, foi para fazer o paraíso dos amantes, que como eu têm a fortuna de gozar tanta beleza. A mocidade, meu bem, é um tesouro, porque senectus est morbus. Recebe,

minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego vocor – Tibúrcio José Maria.” (*Acabando de ler*) O que eu não gosto é escrever-me ele em latim. Hei de mandar-lhe dizer que me fale em português. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar; estas duas recebi hoje.

CHIQUINHA

Se todas são como essas, é rica a coleção. Quem mais passou? Vamos, dize...

MARICOTA

Passou aquele amanuense da Alfândega, que está à espera de ser segundo escrivão para casar-se comigo. Passou o inglês que anda montado no cavalo do curro. Passou o Ambrósio, capitão da Guarda Nacional. Passou aquele moço de bigodes e cabelos grandes, que veio da Europa, aonde esteve empregado na diplomacia. Passou aquele sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

CHIQUINHA (*interrompendo*)

Meu Deus, quantos?... E a todos esses namoras?

MARICOTA

Pois então? E o melhor é que cada um de per si pensa ser o único da minha afeição.

CHIQUINHA

Tens habilidade! Mas dize-me, Maricota, que esperas tu com todas essas loucuras e namoros? Que planos são os teus? (*Levanta-se*) Não vês que te podes desacreditar?

MARICOTA

Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, faze-te vermelha! – talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não há moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me porventura uma só, que não tenha hora

escolhida para chegar à janela, ou que não atormente ao pai ou à mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? E pensas tu que é isto feito indiferentemente, ou por acaso? Enganas-te, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os pais, as mães e as simplórias como tu é que nada veem e de nada desconfiam. Quantas conheço eu, que no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos vigilantes, namoram tão sutilmente, que não se pressente! Para quem sabe namorar tudo é instrumento: uma criança que se tem ao colo e se beija, um papagaio com o qual se fala à janela, um mico que brinca sobre o ombro, um lenço que volteia na mão, uma flor que se desfolha – tudo, enfim! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instrumento para se namorar a outrem! Pobres tolos, que levam a culpa e vivem logrados, em proveito alheio! Se te quisesse eu explicar e patentear os ardis e espertezas de certas meninas que passam por sérias e que são refinadíssimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças dividem-se em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.

CHIQUINHA

Não questionarei contigo. Demos que assim seja, quero mesmo que o seja. Que outro futuro esperam as filhas-famílias, senão o casamento? É a nossa senatoria, como costumam dizer. Os homens não levam a mal que façamos da nossa parte todas as diligências para alcançarmos este fim; mas o meio que devemos empregar é tudo. Pode ele ser prudente e honesto, ou tresloucado como o teu.

MARICOTA

Não dizia eu que havia sonsas e sinceras? Tu és das sonsas.

CHIQUINHA

Pode ele nos desacreditar, como não duvido que o teu te desacreditará.

MARICOTA

E por quê?

CHIQUINHA

Namoras a muitos.

MARICOTA

Oh, essa é grande! Nisto justamente é que eu acho vantagem. Ora diz-me, quem compra muitos bilhetes de loteria não tem mais probabilidade de tirar a sorte grande do que aquele que só compra um? Não pode do mesmo modo, nessa loteria do casamento, quem tem muitos amantes ter mais probabilidade de tirar um para marido?

CHIQUINHA

Não, não! A namorada é em breve tempo conhecida e ninguém a deseja por mulher. Julgas que os homens iludem-se com ela e que não sabem que valor devem dar aos seus protestos? Que mulher pode haver tão fina, que namore a muitos e que faça crer a cada um em particular que é o único amado? Aqui em nossa terra, grande parte dos moços são presunçosos, linguarudos e indiscretos; quando têm o mais insignificante namorico, não há amigos e conhecidos que não sejam confidentes. Que cautelas podem resistir a essas indiscrições? E conhecida uma moça por namorada, quem se animará a pedi-la por esposa? Quem se quererá arriscar a casar-se com uma mulher que continue depois de casada as cenas de sua vida de solteira? Os homens têm mais juízo do que pensas; com as namoradeiras divertem-se eles, mas não se casam.

MARICOTA

Eu to mostrarei.

CHIQUINHA

Veremos. Dá graças a Deus se por fim encontrares um velho para marido.

MARICOTA

Um velho! Antes quero morrer, ser freira... Não me fales nisso, que me arrepiam os cabelos! Mas para que me aflijo? É-me mais fácil... Aí vem meu pai! (*Corre e assenta-se à costura, junto à mesa*)

## CENA II

*José Pimenta e Maricota. Entra José Pimenta com a farda de cabo-de-esquadra da Guarda Nacional, calças de pano azul e barretão – tudo muito usado.*

PIMENTA (*entrando*)

Chiquinha, vai ver minha roupa, já que estás vadia. (*Chiquinha sai*) Está muito bom! Está muito bom! (*Esfrega as mãos de contente*)

MARICOTA (*cosendo*)

Meu pai sai?

PIMENTA

Tenho que dar algumas voltas, a ver se cobro o dinheiro das guardas de ontem. Abençoada a hora em que eu deixei o ofício de sapateiro para ser cabo-de-esquadra da Guarda Nacional! O que ganhava eu pelo ofício? Uma tuta-mea. Desde pela manhã até alta noite sentado à tripeça, metendo sovela daqui, sovela dacolá, cerol pra uma banda, cerol pra outra; puxando couro com os dentes, batendo de martelo, estirando o tirapé – e no fim das contas chegava apenas o jornal para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o ofício para ser cabo-de-esquadra da Guarda Nacional! Das guardas, das rondas e das ordens de prisão faço o meu patrimônio. Cá as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco... Assim é que é o viver; e no mais, saúde, e viva a Guarda Nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguém procurar-me, dize que espere, que eu já volto. (*Sai*)

### CENA III

MARICOTA (*só*)

Tem razão; são milagres! Quando meu pai trabalhava pelo ofício e tinha um jornal certo, não podia viver; agora que não tem ofício nem jornal, vive sem necessidades. Bem diz o capitão Ambrósio que os ofícios sem nome são os mais lucrativos. Basta de coser. (*Levanta-se*) Não hei de namorar o agulheiro, nem casar-me com a almofada.

(*Vai para a janela. Faustino aparece na porta do fundo, donde espreita para a sala*)

### CENA IV

*Faustino e Maricota.*

FAUSTINO

Posso entrar?

MARICOTA (*voltando-se*)  
Quem é? Ah, pode entrar.

FAUSTIN (*entrando*)  
Estava ali defronte na loja do barbeiro, esperando que teu pai saísse para poder ver-te, falar-te, amar-te, adorar-te, e...

MARICOTA  
Deveras!

FAUSTINO  
Ainda duvidas? Para quem vivo eu, senão para ti? Quem está sempre presente na minha imaginação? Por quem faço eu todos os sacrifícios?

MARICOTA  
Fale mais baixo, que a mana pode ouvir.

FAUSTINO  
A mana! Oh, quem me dera ser a mana, para estar sempre contigo! Na mesma sala, na mesma mesa, no mesmo...

MARICOTA (*rindo-se*)  
Já você começa.

FAUSTINO  
E como hei de acabar sem começar? (*Pegando-lhe na mão*) Decididamente, meu amor, não posso viver sem ti... E sem o meu ordenado.

MARICOTA  
Não lhe creio: muitas vezes está sem me aparecer dois dias, sinal que pode viver sem mim; e julgo que pode também viver sem o seu ordenado, porque...

FAUSTINO  
Impossível!

MARICOTA

Porque o tenho visto passar muitas vezes por aqui de manhã às onze horas e ao meio-dia, o que prova que gazeia sofrivelmente, que leva ponto e lhe descontam o ordenado.

FAUSTINO

Gazeiar a repartição o modelo dos empregados? Enganaram-te. Quando lá não vou, é ou por doente, ou por ter mandado parte de doente...

MARICOTA

E hoje que é dia de trabalho, mandou parte?

FAUSTINO

Hoje? Ah, não me fales nisso, que me desespero e alucino! Por tua causa sou a vítima a mais infeliz da Guarda Nacional!

MARICOTA

Por minha causa?!

FAUSTINO

Sim, sim, por tua causa! O capitão da minha companhia, o mais feroz capitão que tem aparecido no mundo, depois que se inventou a Guarda Nacional, persegue-me, acabrunha-me e assassina-me! Como sabe que eu te amo e que tu me correspondeste, não há pirraças e afrontas que me não faça. Todos os meses são dois e três avisos para montar guarda; outros tantos para rondas, manejos, paradas... E desgraçado se lá não vou, ou não pago! Já o meu ordenado não chega. Roubam-me, roubam-me com as armas na mão! Eu te detesto, capitão infernal, és um tirano, um Gengis-Kan, um Tamerlan! Agora mesmo está um guarda à porta da repartição à minha espera para prender-me. Mas eu não vou lá, não quero. Tenho dito. Um cidadão é livre... enquanto não o prendem.

MARICOTA

Sr. Faustino, não grite, tranquilize-se!

FAUSTINO

Tranquilizar-me! Quando vejo um homem que abusa da autoridade que lhe confiaram para afastar-me de ti! Sim, sim, é para afastar-me de ti que ele manda-me sempre prender. Patife! Porém o que mais me mortifica e

até faz-me chorar, é ver teu pai, o mais honrado cabo-de-esquadra, prestar o seu apoio a essas tiranias constitucionais.

MARICOTA

Está bom, deixe-se disso, já é maçada. Não tem que se queixar de meu pai: ele é cabo e faz a sua obrigação.

FAUSTINO

Sua obrigação? E julgas que um homem faz a sua obrigação quando anda atrás de um cidadão brasileiro com uma ordem de prisão metida na patrona, na patrona? A liberdade, a honra, a vida de um homem, feito à imagem de Deus, metida na patrona! Sacrilégio!

MARICOTA (*rindo-se*)

Com efeito, é uma ação digna.

FAUSTIN (*interrompendo-a*)

...somente de um capitão da Guarda Nacional! Felizes dos turcos, dos chinas e dos negros de Guiné, porque não são guardas nacionais! Oh!

Porque lá nos desertos africanos  
Faustino não nasceu desconhecido!

MARICOTA

Gentes!

FAUSTINO

Mas apesar de todas essas perseguições, eu lhe hei de mostrar para que presto. Tão depressa se reforme a minha repartição, casar-me-ei contigo, ainda que eu veja adiante de mim todos os chefes de legião, coronéis, majores, capitães, cornetas, sim, cornetas, e etc.

MARICOTA

Meu Deus, endoideceu!

FAUSTINO

Então podem chover sobre mim os avisos, como chovia o maná no deserto! Não te deixarei um só instante. Quando for às paradas, irás comigo para me veres manobrar.



MARICOTA

Oh!

FAUSTINO

Quando montar guarda, acompanhar-me-ás...

MARICOTA

Quê! Eu também hei de montar guarda?

FAUSTINO

E o que tem isso? Mas não, não, correria seu risco...

MARICOTA

Que extravagâncias!

FAUSTINO

Quando rondar, rondarei a nossa porta, e quando houver rugas, fechar-me-ei em casa contigo, e dê no que der, que... estou deitado. Mas, ah, infeliz!...

MARICOTA

Acabou-se-lhe o furor?

FAUSTINO

De que me servem todos esses tormentos, se me não amas?

MARICOTA

Não o amo?!

FAUSTINO

Desgraçadamente, não! Eu tenho cá para mim que a tanto se não atreveria o capitão, se não lhe desses esperanças.

MARICOTA

Ingrato!

FAUSTINO

Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que por ti sofro. (*Declamando*) Uma ideia esmagadora, ideia abortada do negro abismo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes e mesmo no teatro não me deixa um só instante! Agarrada às minhas orelhas, como o náufrago à tábua de salvação, ouço-a sempre dizer: – Maricota não te ama! Sacudo a cabeça, arranco os cabelos (*faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabelos e amarrotar a gravata. (*Isto dizendo, tira do bolso um pente, com o qual penteia-se enquanto fala*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados ouvirei ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadavérica, repetir: – Maricota não te ama! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras*) E serei o defunto o mais desgraçado! Não te comovem estas pinturas? Não se te arrepiam as carnes?

MARICOTA

Escute...

FAUSTINO

Oh, que não tenha eu eloquência e poder para te arrepiar as carnes!...

MARICOTA

Já lhe disse que escute. Ora diga-me: não lhe tenho eu dado todas as provas que lhe poderia dar para convencê-lo do meu amor? Não tenho respondido a todas suas cartas? Não estou à janela sempre que passa de manhã para a repartição, e às duas horas quando volta, apesar do Sol? Quando tenho alguma flor ao peito, que ma pede, não lha dou? Que mais quer? São poucas essas provas de verdadeiro amor? Assim é que paga-me tantas finezas? Eu é que me deveria queixar...

FAUSTINO

Tu?

MARICOTA

Eu, sim! Responda-me, por onde andou, que não passou por aqui ontem, e fez-me esperar toda a tarde à janela? Que fez do cravo que lhe dei o mês passado? Por que não foi ao teatro quando eu lá estive com D. Mariana?

Desculpe-se, se pode. Assim é que corresponde a tanto amor? Já não há paixões verdadeiras. Estou desenganada. (*Finge que chora*)

FAUSTINO

Maricota...

MARICOTA

Fui bem desgraçada em dar meu coração a um ingrato!

FAUSTIN (*enternecido*)

Maricota!

MARICOTA

Se eu pudesse arrancar do peito esta paixão...

FAUSTINO

Maricota, eis-me a teus pés! (*Ajoelha-se, e enquanto fala, Maricota ri-se, sem que ele veja*) Necessito de toda a tua bondade para ser perdoado!

MARICOTA

Deixe-me.

FAUSTINO

Queres que morra a teus pés?

(*Batem palmas na escada*)

MARICOTA (*assustada*)

Quem será?

(*Faustino conserva-se de joelhos*)

CAPITÃ (*na escada, dentro*)

Dá licença?

MARICOTA (*assustada*)

É o capitão Ambrósio! (*Para Faustino*) Vá-se embora, vá-se embora! (*Vai para dentro, correndo*)

FAUSTINO (*levanta-se e vai atrás dela*)

Então, o que é isso?... Deixou-me!... Foi-se!... E esta!... Que farei?... (*Anda ao redor da sala como procurando aonde esconder-se*) Não sei onde esconder-me... (*Vai espiar à porta, e daí corre para a janela*) Voltou, e está conversando à porta com um sujeito; mas decerto não deixa de entrar. Em boas estou metido, e daqui não... (*Corre para o judas, despe-lhe a casaca e o colete, tira-lhe as botas e o chapéu e arranca-lhe os bigodes*) O que me pilhar tem talento, porque mais tenho eu. (*Veste o colete e casaca sobre a sua própria roupa, calça as botas, põe o chapéu armado e arranja os bigodes. Feito isso, esconde o corpo do judas em uma das gavetas da cômoda, onde também esconde o próprio chapéu, e toma o lugar do judas*) Agora pode vir... (*Batem*) Ei-lo! (*Batem*) Aí vem!

## CENA V

*Capitão e Faustino (no lugar do judas).*

CAPITÃO (*entrando*)

Não há ninguém em casa? Ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada de novo! (*Tira a barretina e a põe sobre a mesa, e assenta-se na cadeira*) Esperarei. (*Olha ao redor de si, dá com os olhos no judas; supõe à primeira vista ser um homem, e levanta-se rapidamente*) Quem é? (*Reconhecendo que é um judas*) Ora, ora, ora! E não me enganei com o judas, pensando que era um homem? Oh, oh, está um figurão! E o mais é que está tão bem feito que parece vivo. (*Assenta-se*) Aonde está esta gente? Preciso falar com o cabo José Pimenta e... ver a filha. Não seria mau que ele não estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota. (*Aqui aparece na porta da direita Maricota, que espreita, receosa. O capitão a vê e levanta-se*) Ah!

## CENA VI

*Maricota e os mesmos.*

MARICOTA (*entrando, sempre receosa e olhando para todos os lados*)

Senhor capitão!

CAPITÃO (*chegando-se para ela*)

Desejei ver-te, e a fortuna ajudou-me. (*Pegando-lhe na mão*) Mas que tens? Estás receosa! Teu pai?

MARICOTA (*receosa*)

Saiu.

CAPITÃO

Que temes então?

MARICOTA (*adianta-se e como que procura um objeto com os olhos pelos cantos da sala*)

Eu? Nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO (*largando-lhe a mão*)

O gato? E por causa do gato recebe-me com esta indiferença?

MARICOTA (*à parte*)

Saiu. (*Para o capitão*) Ainda em cima zanga-se comigo! Por sua causa é que eu estou nestes sustos.

CAPITÃO

Por minha causa?

MARICOTA

Sim.

CAPITÃO

E é também por minha causa que procura o gato?

MARICOTA

É, sim!

CAPITÃO

Essa agora é melhor! Explique-se...

MARICOTA (*à parte*)

Em que me fui eu meter! O que lhe hei de dizer?

CAPITÃO

Então?

MARICOTA

Lembra-se...

CAPITÃO

De quê?

MARICOTA

Da... da... daquela carta que escreveu-me anteontem, em que me aconselhava que fugisse da casa de meu pai para a sua?

CAPITÃO

E o que tem?

MARICOTA

Guardei-a na gavetinha do meu espelho, e como a deixasse aberta, o gato, brincando, sacou-me a carta; porque ele tem esse costume...

CAPITÃO

Oh, mas isso não é graça! Procuremos o gato. A carta estava assinada e pode comprometer-me. É a última vez que tal me acontece! (*Puxa a espada e principia a procurar o gato*)

MARICOTA (*à parte, enquanto o capitão procura*)

Puxa a espada! Estou arrependida de ter dado a corda a este tolo.

(*O capitão procura o gato atrás de Faustino, que está imóvel; passa por diante e continua a procurá-lo. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta para trás repentinamente. Maricota surpreende-se*)

CAPITÃO

Miou!

MARICOTA

Miou?!

CAPITÃO

Está por aqui mesmo. (*Procura*)

MARICOTA (*à parte*)

É singular! Em casa não temos gato!

CAPITÃO

Aqui não está. Onde, diabo, se meteu?

MARICOTA (*à parte*)

Sem dúvida é algum da vizinhança. (*Para o capitão*) Está bom, deixe; ele aparecerá.

CAPITÃO

Que o leve o demo! (*Para Maricota*) Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar-lhe a carta. Podem-na achar, e isso não me convém. (*Esquece-se de embainhar a espada*) Sobre esta mesma carta desejava eu falar-te.

MARICOTA

Recebeu minha resposta?

CAPITÃO

Recebi, e a tenho aqui comigo. Mandaste-me dizer que estavas pronta a fugir para minha casa; mas que esperavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pai está ajuntando, para te safares com ele. Isto não me convém. Não está nos meus princípios. Um moço pode roubar uma moça – é uma rapaziada; mas dinheiro é uma ação infame!

MARICOTA (*à parte*)

Tolo!

CAPITÃO

Espero que não penses mais nisso, e que farás somente o que te eu peço. Sim?

MARICOTA (*à parte*)

Pateta, que não percebe que era um pretexto para lhe não dizer que não, e tê-lo sempre preso.

CAPITÃO

Não respondes?

MARICOTA

Pois sim. (*À parte*) Era preciso que eu fosse tola. Se eu fugir, ele não se casa.

CAPITÃO

Agora quero sempre dizer-te uma coisa. Eu supus que esta história de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

MARICOTA

Ah, supôs? Tem penetração!

CAPITÃO

E se te valias desses pretextos é porque amavas a...

MARICOTA

A quem? Diga!

CAPITÃO

A Faustino.

MARICOTA

A Faustino? (*Ri às gargalhadas*) Eu? Amar aquele toleirão? Com olhos de enchova morta, e pernas de arco de pipa? Está mangando comigo. Tenho melhor gosto. (*Olha com ternura para o capitão*)

CAPITÃO (*suspirando com prazer*)

Ah, que olhos matadores!

(*Durante este diálogo Faustino está inquieto no seu lugar*)

MARICOTA

O Faustino serve-me de divertimento, e se algumas vezes lhe dou atenção, é para melhor ocultar o amor que sinto por outro.

(*Olha com ternura para o capitão. Aqui aparece na porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, para e escuta*)

CAPITÃO



Eu te creio, porque teus olhos confirmam tuas palavras. (*Gesticula com entusiasmo, brandindo a espada*) Terás sempre em mim um arrimo, e um defensor! Enquanto eu for capitão da Guarda Nacional e o Governo tiver confiança em mim, hei de sustentar-te como uma princesa.

(*Pimenta desata a rir às gargalhadas. Os dois voltam-se surpreendidos. Pimenta caminha para a frente, rindo-se sempre. O capitão fica enfiado e com a espada levantada. Maricota, turbada, não sabe como tomar a hilaridade do pai*)

## CENA VII

*Pimenta e os mesmos.*

PIMENTA (*rindo-se*)

O que é isto, Sr. capitão? Ataca a rapariga... ou ensina-lhe a jogar à espada?

CAPITÃ (*turbado*)

Não é nada, Sr. Pimenta, não é nada... (*Embainha a espada*) Foi um gato.

PIMENTA

Um gato? Pois o Sr. capitão tira a espada para um gato? Só se foi algum gato danado, que por aqui entrou.

CAPITÃ (*querendo mostrar tranquilidade*)

Nada; foi o gato da casa que andou aqui pela sala fazendo estripulias.

PIMENTA

O gato da casa? É bichinho que nunca tive, nem quero ter.

CAPITÃO

Pois o senhor não tem um gato?

PIMENTA

Não, senhor.

CAPITÃ (*alterando-se*)

E nunca os teve?

PIMENTA  
Nunca!... Mas...

CAPITÃO  
Nem suas filhas, nem seus escravos?

PIMENTA  
Já disse que não... Mas...

CAPITÃ *(voltando-se para Maricota)*  
Com que nem seu pai, nem a sua irmã e nem seus escravos têm gato?

PIMENTA  
Mas que diabo é isso?

CAPITÃO  
E no entanto... Está bom, está bom! *(À parte)* Aqui há maroteira!

PIMENTA  
Mas que história é essa?

CAPITÃO  
Não é nada, não faça caso; ao depois lhe direi. *(Para Maricota)* Muito obrigado! *(Volta-se para Pimenta)* Temos que falar em objeto de serviço.

PIMENTA *(para Maricota)*  
Vai para dentro.

MARICOTA *(à parte)*  
Que capitão tão pedaço de asno! *(Sai)*

### CENA VIII

*Capitão e José Pimenta. Pimenta vai pôr sobre a mesa a barretina. O Capitão fica pensativo.*

CAPITÃ *(à parte)*  
Aqui anda o Faustino, mas ele me pagará!

PIMENTA

Às suas ordens, Sr. capitão.

CAPITÃO

O guarda Faustino foi preso?

PIMENTA

Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dois guardas atrás dele, e ainda não foi possível encontrá-lo. Mande-os que fossem escorar à porta da repartição e também lá não apareceu hoje. Creio que teve aviso.

CAPITÃO

É preciso fazer diligência para se prender esse guarda, que está ficando muito remisso. Tenho ordens muito apertadas do comandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender que o levem para os Provisórios. Há de lá estar um mês. Isto assim não pode continuar. Não há gente para o serviço com estes maus exemplos. A impunidade desorganiza a Guarda Nacional. Assim que ele sair dos Provisórios, avisem-no logo para o serviço, e se faltar, Provisório no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de mostrar. (*À parte*) Mariola!... Quer ser meu rival!

PIMENTA

Sim senhor, Sr. capitão.

CAPITÃO

Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas, diligências – atrapalhe-o. Entenda-se a esse respeito com o sargento.

PIMENTA

Deixe estar, Sr. capitão.

CAPITÃO

Precisamos de gente pronta.

PIMENTA

Assim é, Sr. capitão. Os que não pagam para a música, devem sempre estar prontos. Alguns são muito remissos.

CAPITÃO

Ameace-os com o serviço.

PIMENTA

Já o tenho feito. Digo-lhes que se não pagarem prontamente, o senhor capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mês, e dois ou três que não pagam desde o princípio do ano.

CAPITÃO

Avise a esses, que recebeu ordem para os chamar de novo para o serviço impreterivelmente. Há falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

PIMENTA

Assim é, Sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que se a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a música.

CAPITÃO (*assustado*)

Dizem isso? Pois já sabem?

PIMENTA

Que saibam, não creio; mas desconfiam.

CAPITÃO

É o diabo! É preciso cautela. Vamos à casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

PIMENTA

Sim senhor, Sr. capitão. (*Saem*)

## CENA IX

FAUSTIN (*só*)

Logo que os dois saem, Faustino os vai espreitar à porta por onde saíram, e adianta-se um pouco.

FAUSTINO

Ah, com que o senhor capitão assusta-se, porque podem saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a música!... E quer mandar-me para os Provisórios! Com que escreve cartas, desinquietando

a uma filha-família, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. E o que direi da menina? É de se tirar o barrete! Está doutorada! Anda a dois carrinhos! Obrigado! Acha que eu tenho pernas de enchova morta, e olhos de arco de pipa? Ah, quem soubera! Mas ainda é tempo; tu me pagarás, e... ouço pisadas... a postos! *(Toma o seu lugar)*

## CENA X

*Chiquinha e Faustino.*

CHIQUINHA *(entra e senta-se à costura)*

Deixe-me ver se posso acabar este vestido para vesti-lo amanhã, que é domingo de Páscoa. *(Cose)* Eu é que sou a vadia, como meu pai disse. Tudo anda assim. Ai, ai! *(Suspirando)* Há gente bem feliz; alcançam tudo quanto desejam e dizem tudo quanto pensam: só eu nada alcanço e nada digo. Em quem estará ele pensando! Na mana, sem dúvida. Ah, Faustino, Faustino, se tu soubesses!...

FAUSTIN *(à parte)*

Fala em mim! *(Aproxima-se de Chiquinha pé ante pé)*

CHIQUINHA

A mana, que não sente por ti o que eu sinto, tem coragem para te falar e enganar, enquanto eu, que tanto te amo, não ousa levantar os olhos para ti. Assim vai o mundo! Nunca terei valor para fazer-lhe a confissão deste amor, que me faz tão desgraçada; nunca, que morreria de vergonha! Ele nem em mim pensa. Casar-me com ele seria a maior das felicidades.

*(Faustino, que durante o tempo que Chiquinha fala vem aproximando-se e ouvindo com prazer quanto ela diz, cai a seus pés)*

FAUSTINO

Anjo do céu! *(Chiquinha dá um grito, assustada, levanta-se rapidamente para fugir e Faustino a retém pelo vestido)* Espera!

CHIQUINHA *(gritando)*

Ai, quem me acode?

FAUSTINO

Não te assustes, é o teu amante, o teu noivo... o ditoso Faustino!

CHIQUINHA (*forcejando para fugir*)

Deixe-me!

FAUSTIN (*tirando o chapéu*)

Não me conheces? É o teu Faustino!

CHIQUINHA (*reconhecendo-o*)

Senhor Faustino!

FAUSTIN (*sempre de joelhos*)

Ele mesmo, encantadora criatura! Ele mesmo, que tudo ouviu.

CHIQUINHA (*escondendo o rosto nas mãos*)

Meu Deus!

FAUSTINO

Não te envergonhes. (*Levanta-se*) E não te admires de ver-me tão ridiculamente vestido para um amante adorado.

CHIQUINHA

Deixe-me ir para dentro.

FAUSTINO

Oh, não! Ouvir-me-ás primeiro. Por causa de tua irmã eu estava escondido nestes trajos; mas proveu a Deus que eles me servissem para descobrir a sua perfídia e ouvir a tua ingênua confissão, tanto mais preciosa, quanto inesperada. Eu te amo, eu te amo!

CHIQUINHA

A mana pode ouvi-lo!

FAUSTINO

A mana! Que venha ouvir-me! Quero dizer-lhe nas bochechas o que penso. Se eu tivesse adivinhado em ti tanta candura e amor, não teria passado por tantos dissabores e desgostos, e não teria visto com meus próprios olhos a maior das patifarias! Tua mana é... Enfim, eu cá sei o que ela é, e basta. Deixemo-la, falemos só no nosso amor! Não olhes para

minhas botas... Tuas palavras acenderam em meu peito uma paixão vulcânico-piramidal e delirante. Há um momento que nasceu, mas já está grande como o universo. Conquistaste-me! Terás o pago de tanto amor! Não duvides; amanhã virei pedir-te a teu pai.

CHIQUINHA (*involuntariamente*)  
Será possível?!

FAUSTINO  
Mais que possível, possibilíssimo!

CHIQUINHA  
Oh! está me enganando... E o seu amor por Maricota?

FAUSTIN (*declamando*)  
Maricota trouxe o inferno para minha alma, se é que não levou minha alma para o inferno! O meu amor por ela foi-se, voou, extinguiu-se como um foguete de lágrimas!

CHIQUINHA  
Seria crueldade se zombasse de mim! De mim, que ocultava a todos o meu segredo.

FAUSTINO  
Zombar de ti! Seria mais fácil zombar do meu ministro! Mas, silêncio, que parece-me que sobem as escadas.

CHIQUINHA (*assustada*)  
Será meu pai?

FAUSTINO  
Nada digas do que ouviste; é preciso que ninguém saiba que eu estou aqui incógnito. Do segredo depende a nossa dita.

PIMENTA (*dentro*)  
Diga-lhe que não pode ser.

FAUSTINO  
É teu pai!

CHIQUINHA

É meu pai!

AMBOS

Adeus!

*(Chiquinha entra correndo e Faustino põe o chapéu na cabeça, e toma o seu lugar)*

## CENA XI

*Pimenta e depois Antônio Domingos.*

PIMENTA

É boa! Querem todos ser dispensados das paradas! Agora é que o sargento anda passeando. Lá ficou o capitão à espera. Ficou espantado com o que eu lhe disse a respeito da música. Tem razão, que se souberem, podem-lhe dar com a demissão pelas ventas. *(Aqui batem palmas dentro)* Quem é?

ANTÔNIO *(dentro)*

Um seu criado. Dá licença?

PIMENTA

Entre quem é. *(Entra Antônio Domingos)* Ah, é o Sr. Antônio Domingos! Seja bem aparecido; como vai isso?

ANTÔNIO

A seu dispor.

PIMENTA

Dê cá o seu chapéu. *(Toma o chapéu e o põe sobre a mesa)* Então, o que ordena?

ANTÔNIO *(com mistério)*

Trata-se do negócio...

PIMENTA



Ah, espere! (*Vai fechar a porta do fundo, espiando primeiro se alguém os poderá ouvir*) É preciso cautela. (*Cerra a porta que dá para o interior*)

ANTÔNIO

Toda é pouca. (*Vendo o judas*) Aquilo é um judas?

PIMENTA

É dos pequenos. Então?

ANTÔNIO

Chegou nova remessa do Porto. Os sócios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dois contos (*tira da algibeira dois maços de papéis*), um em cada maço: é dos azuis. Desta vez vieram mais bem feitos. (*Mostra uma nota de cinco mil-réis que tira do bolso do colete*) Veja; está perfeitíssima.

PIMENTA (*examinando-a*)

Assim é.

ANTÔNIO

Mandei aos sócios fabricantes o relatório do exame que fizeram na Caixa da Amortização, sobre as da penúltima remessa, e eles emendaram a mão. Aposto que ninguém as diferenciará das verdadeiras.

PIMENTA

Quando chegaram?

ANTÔNIO

Ontem, no navio que chegou do Porto.

PIMENTA

E como vieram?

ANTÔNIO

Dentro de um barril de paios.

PIMENTA

O lucro que deixa não é mau; mas arrisca-se a pele...

ANTÔNIO

O que receia?

PIMENTA

O que receio? Se nos dão na malhada, adeus minhas encomendas! Tenho filhos...

ANTÔNIO

Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou dois contos e quinhentos mil-réis, e nada lhe aconteceu.

PIMENTA

Bem perto estivemos de ser descobertos – houve denúncia, e o Tesouro substituiu os azuis pelos brancos.

ANTÔNIO

Dos bilhetes aos falsificadores vai longe; aqueles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando falam, e acautelam-se. Demais, quem nada arrisca, nada tem. Deus há de ser conosco.

PIMENTA

Se não for o chefe de Polícia.

ANTÔNIO

Esse é que pode botar tudo a perder; mas pior é o medo. Vá guardá-los. *(Pimenta vai guardar os maços dos bilhetes em uma das gavetas da cômoda e a fecha à chave. Antônio, enquanto Pimenta guarda os bilhetes)* Cinquenta contos da primeira remessa, cem da segunda e cinquenta desta fazem duzentos contos; quando muito, vinte de despesa, e aí temos cento e oitenta de lucro. Não conheço negócio melhor. *(Para Pimenta)* Não os vá trocar sempre à mesma casa: ora aqui, ora ali... Tem cinco por cento dos que passar.

PIMENTA

Já estou arrependido de ter-me metido neste negócio.

ANTÔNIO

E por quê?

PIMENTA

Além de perigosíssimo, tem consequências que eu não previa quando meti-me nele. O senhor dizia que o povo não sofria com isso.

ANTÔNIO

E ainda digo. Há na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais duzentos, não querem dizer nada.

PIMENTA

Assim pensei eu, ou me fizeram pensar; mas já abriram-me os olhos, e... enfim, passarei ainda esta vez, e será a última. Tenho filhos. Meti-me nisto sem saber bem o que fazia. E do senhor queixo-me, porque da primeira vez abusou da minha posição; eu estava sem vintém. É a última!

ANTÔNIO

Como quiser; o senhor é quem perde.

*(Batem na porta)*

PIMENTA

Batem!

ANTÔNIO

Será o chefe de Polícia?

PIMENTA

O chefe de Polícia! Eis, aí está no que o senhor me meteu!

ANTÔNIO

Prudência! Se for a polícia, queimam-se os bilhetes.

PIMENTA

Qual queimam-se, nem meio queimam-se; já não há tempo senão de sermos enforcados!

ANTÔNIO

Não desanime.

*(Batem de novo)*

FAUSTIN (*disfarçando a voz*)  
Da parte da polícia!

PIMENTA (*caindo de joelhos*)  
Misericórdia!

ANTÔNIO  
Fujamos pelo quintal!

PIMENTA  
A casa não tem quintal. Minhas filhas!...

ANTÔNIO  
Estamos perdidos! (*Corre para a porta a fim de espiar pela fechadura. Pimenta fica de joelhos e treme convulsivamente*) Só vejo um oficial da Guarda Nacional. (*Batem; espia de novo*) Não há dúvida. (*Para Pimenta*) Psiu... psiu... venha cá.

CAPITÃ (*dentro*)  
Ah, Sr. Pimenta, Sr. Pimenta?

(*Pimenta, ao ouvir o seu nome, levanta a cabeça e escuta. Antônio caminha para ele*)

ANTÔNIO  
Há só um oficial que o chama.

PIMENTA  
Os mais estão escondidos.

CAPITÃ (*dentro*)  
Há ou não gente em casa?

PIMENTA (*levanta-se*)  
Aquela voz... (*Vai para a porta e espia*) Não me enganei! É o capitão! (*Espia*)  
Ah, Sr. capitão?

CAPITÃ (*dentro*)  
Abra!

PIMENTA

Vossa senhoria está só?

CAPITÃ (*dentro*)

Estou, sim; abra.

PIMENTA

Palavra de honra?

CAPITÃ (*dentro*)

Abra, ou vou-me embora!

PIMENTA (*para Antônio*)

Não há que temer.

*(Abre a porta; entra o capitão. Antônio sai fora da porta e observa se há alguém oculto no corredor)*

## CENA XII

*Capitão e os mesmos.*

CAPITÃ (*entrando*)

Com o demo! O senhor a estas horas com a porta fechada!

PIMENTA

Queira perdoar, Sr. capitão.

ANTÔNIO (*entrando*)

Ninguém!

CAPITÃO

Faz-me esperar tanto! Hoje é a segunda vez.

PIMENTA

Por quem é, Sr. capitão!

CAPITÃO

Tão calados!... Parece que estavam fazendo moeda falsa!

*(Antônio estremece; Pimenta assusta-se)*

PIMENTA

Que diz, Sr. capitão? Vossa senhoria tem graças que ofendem! Isto não são brinquedos. Assim escandaliza-me. Estava com o meu amigo Antônio Domingos falando nos seus negócios, que eu cá por mim não os tenho.

CAPITÃO

Oh, o senhor escandaliza-se e assusta-se por uma graça dita sem intenção de ofender!

PIMENTA

Mas há graças que não têm graça!

CAPITÃO

O senhor tem alguma coisa? Eu o estou desconhecendo!

ANTÔNIO *(à parte)*

Este diabo bota tudo a perder! *(Para o capitão)* É a bília que ainda o trabalha. Estava enfurecido comigo por certos negócios. Isto passa-lhe. *(Para Pimenta)* Tudo se há de arranjar. *(Para o capitão)* Vossa senhoria está hoje de serviço?

CAPITÃO

Estou de dia. *(Para Pimenta)* Já lhe posso falar?

PIMENTA

Tenha a bondade de desculpar-me. Este maldito homem ia-me fazendo perder a cabeça. *(Passa a mão pelo pescoço, como quem quer dar mais inteligência ao que diz)* E vossa senhoria também não contribuiu pouco para eu assustar-me!

ANTÔNIO *(forcejando para rir)*

Foi uma boa caçoada!

CAPITÃO *(admirado)*

Caçoada! Eu?!

PIMENTA

Por mais honrado que seja um homem, quando se lhe bate à porta e se diz: “Da parte da polícia”, sempre se assusta.

CAPITÃO

E quem lhe disse isto?

PIMENTA

Vossa senhoria mesmo.

CAPITÃO

Ora, o senhor, ou está sonhando, ou quer se divertir comigo.

PIMENTA

Não foi vossa senhoria?

ANTÔNIO

Não foi vossa senhoria?

CAPITÃO

Pior é essa! Sua casa hoje anda misteriosa. Há pouco era sua filha com o gato; agora é o senhor com a polícia... (*À parte*) Aqui anda tramoia!

ANTÔNIO (*à parte*) Quem seria?

PIMENTA (assustado)

Isto não vai bem. (*Para Antônio*) Não sai daqui antes de eu lhe entregar uns papéis. Espere! (*Faz semblante de querer ir buscar os bilhetes; Antônio o retém*)

ANTÔNIO (*para Pimenta*)

Olhe que se perde!

CAPITÃO

E então? Ainda não me deixaram dizer ao que vinha. (*Ouve-se repique de sinos, foguetes, algazarra, ruídos diversos como acontece quando aparece a Aleluia*) O que é isto?

PIMENTA

Estamos descobertos!

ANTÔNIO (*gritando*)

É a Aleluia que apareceu.

*(Entram na sala, de tropel, Maricota, Chiquinha, os quatro meninos e os dois moleques)*

MENINOS

Apareceu a Aleluia! Vamos ao judas!...

*(Faustino, vendo os meninos junto de si, deita a correr pela sala. Espanto geral. Os meninos gritam e fogem de Faustino, o qual dá duas voltas ao redor da sala, levando adiante de si todos os que estão em cena, os quais atropelam-se correndo e gritam aterrorizados. Chiquinha fica em pé junto à porta por onde entrou. Faustino, na segunda volta, sai para a rua, e os mais, desembaraçados dele, ficam como assombrados. Os meninos e moleques, chorando, escondem-se debaixo da mesa e cadeiras; o capitão, na primeira volta que dá fugindo de Faustino, sobe para cima da cômoda; Antônio Domingos agarra-se a Pimenta, e rolam juntos pelo chão, quando Faustino sai; e Maricota cai desmaiada na cadeira onde cosia)*

PIMENTA (*rolando pelo chão, agarrado com Antônio*)

É o demônio!...

ANTÔNIO

Vade-retro, Satanás!

*(Estreitam-se nos braços um do outro e escondem a cara)*

CHIQUINHA (*chega-se para Maricota*)

Mana, que tens? Não fala; está desmaiada! Mana? Meu Deus! Sr. capitão, faça o favor de dar-me um copo com água.

CAPITÃ (*de cima da cômoda*)

Não posso lá ir!

CHIQUINHA (*à parte*)



Poltrão! *(Para Pimenta)* Meu pai, acuda-me! *(Chega-se para ele e o chama, tocando-lhe no ombro)*

PIMENTA *(gritando)*

Ai, ai, ai! *(Antônio, ouvindo Pimenta gritar, grita também)*

CHIQUINHA

E esta! Não está galante? O pior é estar a mana desmaiada! Sou eu, meu pai, sou Chiquinha; não se assuste.

*(Pimenta e Antônio levantam-se cautelosos)*

ANTÔNIO

Não o vejo!

CHIQUINHA *(para o capitão)*

Desça; que vergonha! Não tenha medo. *(O capitão principia a descer)* Ande, meu pai, acudamos a mana.

*(Ouve-se dentro o grito de leva! leva! como costumam os moleques, quando arrastam os judas pelas ruas)*

PIMENTA

Aí vem ele!...

*(Ficam todos imóveis na posição em que os surpreendeu o grito, isto é, Pimenta e Antônio ainda não de todo levantados; o capitão com uma perna no chão e a outra na borda de uma das gavetas da cômoda, que está meio aberta; Chiquinha esfregando as mãos de Maricota para reanimá-la, e os meninos nos lugares que ocupavam. Conservam-se todos silenciosos, até que se ouve o grito exterior – Morra! – em distância)*

CHIQUINHA *(enquanto os mais estão silenciosos)*

Meu Deus, que gente tão medrosa! E ela neste estado! O que hei de fazer? Meu pai? Sr. capitão? Não se movem! Já tem as mãos frias...

*(Aparece repentinamente à porta Faustino, ainda com os mesmos trajos; salta no meio da sala e vai cair sentado na cadeira que está junto à mesa. Uma turba de garotos e moleques armados de paus entram após ele, gritando: – Pega no judas,*

*pega no judas! – Pimenta e Antônio erguem-se rapidamente e atiram-se para a extremidade esquerda do teatro, junto aos candeeiros da rampa; o capitão sobe de novo para cima da cômoda; Maricota, vendo Faustino na cadeira, separado dela somente pela mesa, dá um grito e foge para a extremidade direita do teatro; e os meninos saem aos gritos de debaixo da mesa, e espalham-se pela sala. Os garotos param no fundo junto à porta e, vendo-se em uma casa particular, cessam de gritar)*

FAUSTIN *(caindo sentado)*

Ai, que corrida! Já não posso! Oh, parece-me que por cá ainda dura o medo. O meu não foi menor vendo esta canalha. Safa, canalha! *(Os garotos riem-se e fazem assuada)* Ah, o caso é esse? *(Levanta-se)* Sr. Pimenta? *(Pimenta, ouvindo Faustino chamá-lo, encolhe-se e treme)* Treme? Ponha-me esta corja no olho da rua... Não ouve?

PIMENTA *(titubeando)*

Eu, senhor?

FAUSTINO

Ah, não obedece? Vamos, que lhe mando – da parte da polícia... *(Disfarçando a voz como da vez primeira)*

ANTÔNIO

Da parte da polícia!... *(Para Pimenta)* Vá, vá!

FAUSTINO

Avie-se! *(Pimenta caminha receoso para o grupo que está no fundo, e com bons modos o faz sair. Faustino, enquanto Pimenta faz evacuar a sala, continua a falar. Para Maricota)* Não olhe assim para mim com os olhos tão arregalados. que lhe podem saltar fora da cara. De que serão esses olhos? *(Para o capitão)* Olá, valente capitão! Está de poleiro? Desça. Está com medo do papão? Hu! hu! Bote fora a espada, que lhe está atrapalhando as pernas. É um belo boneco de louça! *(Tira o chapéu e os bigodes, e os atira no chão)* Agora ainda terão medo? Não me conhecem?

TODOS *(exceto Chiquinha)*

Faustino!

FAUSTINO

Ah, já! Cobraram a fala! Temos que conversar.

*(Põe uma das cadeiras no meio da sala e senta-se. O capitão, Pimenta e Antônio dirigem-se para ele enfurecidos; o primeiro coloca-se à sua direita, o segundo à esquerda e o terceiro atrás, falando todos três ao mesmo tempo. Faustino tapa os ouvidos com as mãos)*

PIMENTA

Ocultar-se em casa de um homem de bem, de um pai de família, é ação criminosa: não se deve praticar! As leis são bem claras; a casa do cidadão é inviolável! As autoridades hão de ouvir-me; serei desafrontado!

ANTÔNIO

Surpreender um segredo é infâmia! E só a vida paga certas infâmias, entende? O senhor é um mariola! Tudo quanto fiz e disse foi para experimentá-lo. Eu sabia que estava ali oculto. Se diz uma palavra, mando-lhe dar uma arrojada.

CAPITÃO

Aos insultos respondem-se com as armas na mão! Tenho uma patente de capitão que deu-me o governo, hei de fazer honra a ela! O senhor é um covarde! Digo-lhe isto na cara; não me mete medo! Há de ir preso! Ninguém me insulta impunemente!

*(Os três, à proporção que falam, vão reforçando a voz e acabam bramando)*

FAUSTINO

Ai! ai! ai! ai! que fico sem ouvidos.

CAPITÃO

Petulância inqualificável... Petulância!

PIMENTA

Desaforo sem nome... Desaforo!

ANTÔNIO

Patifaria, patifaria, patifaria!

*(Faustino levanta-se rapidamente, batendo com os pés)*

FAUSTIN (*gritando*)

Silêncio! (*Os três emudecem e recuam*) que o deus da linha quer falar! (*Assenta-se*) Puxe-me aqui estas botas. (*Para Pimenta*) Não quer? Olhe que o mando da parte da...

(*Pimenta chega-se para ele*)

PIMENTA (*colérico*)

Dê cá!

FAUSTINO

Já! (*Dá-lhe as botas a puxar*) Devagar! Assim... E digam lá que a polícia não faz milagres... (*Para Antônio*) Ah, senhor meu, tire-me esta casaca. Creio que não será preciso dizer da parte de quem... (*Antônio tira-lhe a casaca com muito mau modo*) Cuidado; não rasgue o traste, que é de valor. Agora o colete. (*Tira-lho*) Bom.

CAPITÃO

Até quando abusará da nossa paciência?

FAUSTIN (*voltando-se para ele*)

Ainda que mal lhe pergunte, o senhor aprendeu latim?

CAPITÃO (*à parte*)

Hei de fazer cumprir a ordem de prisão. (*Para Pimenta*) Chame dois guardas.

FAUSTINO

Que é lá isso? Espere lá! Já não tem medo de mim? Então há pouco quando se empoleirou era com medo das botas? Ora, não seja criança, e escute... (*Para Maricota*) Chegue-se para cá. (*Para Pimenta*) Ao Sr. José Pimenta do Amaral, cabo-de-esquadra da Guarda Nacional, tenho a distinta de pedir-lhe a mão de sua filha a Sra. D. Maricota... ali para o Sr. Antônio Domingos.

MARICOTA

Ah!

PIMENTA

Senhor!

ANTÔNIO

E esta!

FAUSTINO

Ah, não querem? Torcem o focinho? Então escutem a história de um barril de paios, em que...

ANTÔNIO (*turbado*)

Senhor!

FAUSTIN (*continuando*)

...em que vinham escondidos...

ANTÔNIO (*aproxima-se de Faustino e diz-lhe à parte*)

Não me perca! Que exige de mim?

FAUSTIN (*à parte*)

Que se case, e quanto antes, com a noiva que lhe dou. Só por este preço guardarei silêncio.

ANTÔNIO (*para Pimenta*)

Sr. Pimenta, o senhor ouviu o pedido que lhe foi feito; agora o faço eu também. Concede-me a mão de sua filha?

PIMENTA

Certamente... é uma fortuna... não esperava... e...

FAUSTINO

Bravo!

MARICOTA

Isto não é possível! Eu não amo ao senhor!

FAUSTINO

Amará.

MARICOTA

Não se dispõe assim de uma moça! Isto é zombaria do senhor Faustino!

FAUSTINO

Não sou capaz!

MARICOTA

Não quero! Não me caso com um velho!

FAUSTINO

Pois então não se casará nunca; porque vou já daqui gritando (*gritando*) que a filha do cabo Pimenta namora como uma danada; que quis roubar... (*Para Maricota*) Então, quer que continue, ou quer casar-se?

MARICOTA (*à parte*)

Estou conhecida! Posso morrer solteira... Um marido é sempre um marido... (*Para Pimenta*) Meu pai, farei a sua vontade.

FAUSTINO

Bravíssimo! Ditoso par! Amorosos pombinhos! (*Levanta-se, toma Maricota pela mão e a conduz para junto de Antônio, e fala com os dois à parte*) Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, baboso, rabugento e usurário – nada lhe falta para sua felicidade. É este o fim de todas as namoradeiras: ou casam com um gebas como este, ou morrem solteiras! (*Para o público*) Queira Deus que aproveite o exemplo! (*Para Antônio*) Os falsários já não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunciasses, ia o senhor para a cadeia e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Este castigo seria muito suave... Eis aqui o que lhe destino. (*Apresentando-lhe Maricota*) É moça, bonita, ardilosa, e namorada; nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no Código; mas não admira, porque lá faltam outras muitas coisas. Abracem-se, em sinal de guerra! (*Impele um para o outro*) Agora nós, Sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da Guarda Nacional! Arranje isso como puder; quando não, mando tocar a música... Não sei se me entende?...

CAPITÃO

Será servido. (*À parte*) Que remédio; pode perder-me!

FAUSTINO

E se de novo bulir comigo, cuidado! Quem me avisa... Sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero também recompensar. *(Toma Chiquinha pela mão e coloca-se com ela em frente de Pimenta, dando as mãos como em ato de se casarem)* Sua bênção, querido pai Pimenta, e seu consentimento!

PIMENTA

O que lhe hei de eu fazer, senão consentir!

FAUSTINO

Ótimo! *(Abraça a Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha)* Se não houvesse aqui tanta gente a olhar para nós, fazia-te o mesmo... *(Dirigindo-se ao público)* Mas não o perde, que fica guardado para melhor ocasião.



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)